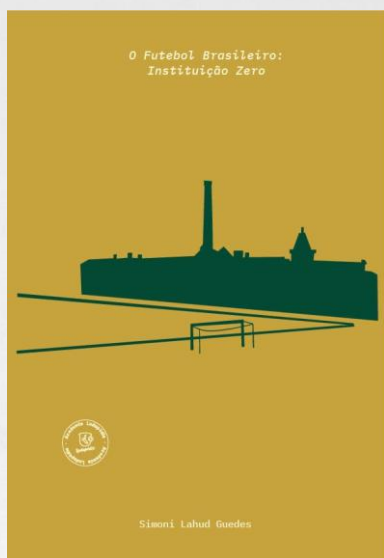


RESENHA
**O futebol brasileiro:
instituição zero**

*Adriano da Silva e Silva*¹
*Danilo César Souza Pinto*²
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia



GUEDES, Simoni Lahud. *O futebol brasileiro: instituição zero*. 1. ed. São Paulo: Editora Ludopédio, 2023. 308p.

SILVA, Adriano da Silva e; PINTO, Danilo César Souza. **O futebol brasileiro: instituição zero (Resenha)**. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 12 (30): 459-464, setembro a dezembro de 2025. ISSN: 2358-5587

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGEC/UESB/ODEERE) e pesquisador financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Pós-Graduando Lato Sensu em Gestão Escolar pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Especialista em Docência com ênfase na Educação Inclusiva, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG, 2024). Pedagogo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Jequié, 2022).

² Antropólogo. Bacharel em Ciências Sociais (2004) e mestre em Ciências Sociais (2007, com ênfase em Antropologia Social) pela Universidade Federal de São Carlos. Doutor em Antropologia Social (2013) pela mesma instituição. Estágio de pós-doutorado junto ao Departamento de Antropologia (DAN/UNICAMP, 2021) em pesquisa sobre ações afirmativas para indígenas no Ensino Superior. Atualmente é Professor Pleno de Antropologia Social na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié.

O livro resenhado é fruto da dissertação de mestrado da antropóloga brasileira Simoni Lahud Guedes, defendida em 1977 e que posteriormente perdeu-se no incêndio do Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 2018. O resgate da obra só foi possível devido a cópias restritas que circulavam entre pesquisadores(as) que mantinham contato com a autora. O material analisado emerge enquanto livro não apenas como uma prestação de homenagem afetiva em memória da autora, falecida em 2019, mas também, pelo fato inquestionável de sua originalidade, rica e densa produção teórico-metodológica, principalmente, dos conhecimentos ligados à Antropologia e Sociologia do Esporte.

O livro “O futebol brasileiro: instituição zero” é uma obra pioneira nos estudos antropológicos sobre futebol no Brasil, escrito por uma mulher amante de futebol – posição ainda cercada por estigmas. A obra de Simoni Lahud Guedes é um material indispensável para leitura no cotidiano de pesquisadores(as) que desbravam o estudo sobre futebol no Brasil. A obra conta, principalmente, com Introdução, Capítulos, Conclusão, Bibliografias. Os capítulos estão organizados em quatro partes de discussões, a saber: “Lazer e futebol”; “O jogo de futebol”; “O discurso da imprensa carioca sobre Copas do Mundo” (contendo cinco subtópicos); por fim, o último capítulo intitulado “O operário urbano e o futebol” (contendo seis subtópicos).

Ao darmos o pontapé inicial, partindo da Introdução, contextualizamos o/a leitor/a sobre a perspectiva adotada pela autora nas discussões sobre o fenômeno do futebol no Brasil. De início, Simoni Lahud Guedes enfatiza que há um interesse antropológico muito grande sobre o fenômeno na sociedade brasileira. Isso se deve ao fato de que o futebol, além de ser um veículo de representações sociais, está fortemente presente no imaginário popular por meio da ideia de que o Brasil é o “país do futebol”. Dessa forma, esse esporte assume um forte caráter simbólico de “esporte nacional”, ou seja, aquele que expressa a identidade do Brasil. Assim, para a autora, “o futebol é um ‘instrumento de significação’, esvaziado de seus aspectos próprios e preenchido com significações outras, referentes à estrutura social como um todo” (: 80-81).

Como capítulo inicial, intitulado “Lazer e futebol”, a autora destaca, através dos estudos realizados, que o futebol foi inicialmente classificado apenas como uma atividade de lazer – termo que agrupa uma ampla variedade de práticas sociais. A autora afirma que nos estudos voltados às sociedades complexas, esse conceito contribuiu para desenvolver uma sociologia do lazer ou do tempo livre. Posteriormente, a autora enfatiza a necessidade de examinar algumas das concepções sobre lazer, tendo em vista seu objeto de estudo – o futebol na sociedade brasileira, mais especificamente, no Rio de Janeiro. Para tanto, Guedes examina a obra *Les Théories du Loisir*, de Marie-Françoise Lafant, de 1972, destacando-

a como preciosa, devido ao fato de que nela estão as principais concepções teóricas sobre lazer, agrupadas no tempo e espaço, além de estabelecer relações entre autores diversos. Desta obra examinada, Guedes compreende que a definição de lazer não é homogênea e que a palavra designa diferentes tipos de fatos.

Em outra obra utilizada pela autora, *Vers Une Civilisation du Loisir?*, de Joffre Dumazedier, de 1962, o lazer “aparece como algo não social, mas individual – o éden das individualidades libertas” (: 86). Noutra obra, intitulada *O trabalho em migalhas*, de Georges Friedmann, 1972, outra concepção sobre lazer é apresentada, destacando que Friedmann vê o lazer como compensação para o trabalho. Dessa forma, considerando as diversas definições sobre lazer apresentadas no decorrer do capítulo – diversão, algo individual, compensação para o trabalho, instrução, relaxamento –, a autora, enfatiza que “parece impossível estudar futebol apenas sob esse ângulo. É necessário passar da atividade social (a prática e o espetáculo) para o nível das representações sociais” (: 91).

Em outra passagem, segundo a autora, ainda que “preso ao rótulo de ‘lazer’ [...] Henri Lefebvre (1958), entre os ‘teóricos do lazer’, é o que coloca as questões mais pertinentes” (: 93). A obra intitulada *Critique de la Vie Quotidienne*, de Lefebvre, é apreciada pela autora ao dimensionar a relação do lazer com a vida cotidiana. Assim, a autora nos convida a perceber que existe a necessidade de estudar o futebol sob o ângulo das representações sociais e que é imprescindível compreender o futebol como parte da vida social e não apenas como lazer.

No segundo capítulo, “O jogo de futebol”, a autora performa o fazer antropológico ao apresentar para o leitor o jogo de futebol (profissional) a partir de uma “etnografia do campo de jogo”, oferecendo ao leitor não apenas uma descrição, mas uma experiência sensível e situada desse universo, permitindo a compreensão desde o espaço em que se realiza o jogo (Estádio e Campo) até aspectos de regras, vestimentas, atores do jogo, torcida e demais outros aspectos que compõem o que a autora denomina de rito do jogo. A forma como ela conduz sua narrativa remete, em muitos aspectos, a um processo pedagógico de “alfabetização” – em referência à Pedagogia (minha formação base). Significa dizer que, assim como educadores introduzem crianças no universo da língua escrita, Guedes introduz o/a leitor/a em uma linguagem específica do futebol, traduzindo gestos, códigos e sentidos que, à primeira vista, podem parecer opacos para aqueles/as que desconhecem o jogo de futebol.

Nesse movimento, a “etnografia do campo” feita pela autora se aproxima da pedagogia ao criar condições para que o público leitor “aprenda a ler” o campo de jogo. Trata-se, portanto, de uma mediação epistemológica que transforma o desconhecido em familiar – gesto essencial tanto à antropologia quanto à pedagogia. Por fim, a riqueza de detalhes e significações proporciona uma verdadeira apropriação do sistema de regras, signos e sentidos expressos nesse esporte. Ora, ousar dizer que aqueles que realizam a leitura desse capítulo estarão plenamente alfabetizados sobre o jogo de futebol.

No terceiro capítulo, “O discurso da imprensa carioca sobre Copas do Mundo”, a autora busca analisar a relação entre o futebol e a mídia esportiva, destacando que tudo que esteja ligado direta ou indiretamente ao futebol é objeto do discurso da imprensa futebolística. Segundo ela:

A função dos jornalistas esportivos na sociedade brasileira, especialmente nas metrópoles, é crucial para o fenômeno futebol. Eles produzem os discursos matrizes que são reinterpretados ou assumidos por diferentes grupos ou indivíduos. (: 113)

Nesse sentido, Guedes busca estabelecer um quadro geral das mensagens/discursos ligados ao futebol e que transmitem uma “imagem” da sociedade brasileira. A autora, deixa evidente que o futebol é a única modalidade esportiva capaz de criar uma “*communitas* brasileira”, especialmente em contextos de copa do mundo. O conceito de *communitas* surge a partir do antropólogo britânico Victor Turner que, em síntese, enfatiza uma experiência de comunhão e igualdade intensa em momentos especiais da vida social. No caso dos estudos de Turner, eram os ritos/rituais de passagens em sociedades complexas, por outro lado, Guedes analisa os discursos em torno dos cenários de Copas do Mundo, colhendo através de matérias jornalísticas impressas de jornais como *O Globo*, *Jornal dos Sports* e *O Dia*, um material mais rico do discurso da imprensa nas copas de 1950, 1966 e 1970. Assim, a ideia de *communitas* em Turner ora posta em Guedes pressupõe que as diferenças sociais como classe, gênero, raça, idade são temporariamente suspensas e os indivíduos vivenciam uma igualdade espontânea e uma comunhão emocionalmente forte.

Em diversas passagens durante o capítulo é possível identificar variados discursos da imprensa que trazem essa ideia de comunhão, de uma unidade social. Assim, nas análises da autora, “o que se joga, numa Copa do Mundo, é a imagem de toda uma etnia” (: 123). O que podemos notar através do exposto é que o futebol na sociedade brasileira, especialmente em contexto de Copa do Mundo, busca transmitir uma ideia de unidade étnica, ou seja, representar a “etnia” brasileira, discursos esses, ativados pela imprensa no que a autora denomina de ideologia da vitória. Em contraponto, no que a autora denomina de ideologia da derrota, outros discursos são ativados. Agora, a derrota traz uma diminuição do valor da etnia, ou seja, da unidade “étnica” brasileira, pois onde existe a derrota há de se existir a necessidade de apontar culpados, como bem destaca a autora:

difficilmente vamos encontrar nas explicações para a derrota motivos puramente ligados ao futebol, em seu aspecto exclusivamente esportivo. A explicação é sempre colocada mais adiante nas características do “povo” e da “raça” brasileiras e na segmentação existente. (: 135)

Nesse sentido, a culpa recai sobre o elemento negro, tornando-se o principal culpado devido a suas “características inferiores”. É assim que Barbosa, Bigode e Juvenal, todos pretos, passam a ser rotulados como culpados pela derrota na copa de 1950. Por isso, nas análises dos discursos da imprensa efetuados pela autora, todos os defeitos e erros que os negros apresentavam, eram defeitos e erros de nossa formação, ou seja, “o povo brasileiro foi considerado de uma ‘raça’ inferior, em que o ponto focal é a existência do negro na composição do “brasileiro” (: 137).

No último capítulo de discussões, “O operário urbano e o futebol”, Simoni Lahud Guedes (2023) buscou analisar a relação entre operários urbanos de Bangu (Rio de Janeiro) e o futebol no Brasil, demonstrando que aos poucos esse esporte foi sendo apropriado pelas classes populares, sobretudo pelos trabalhadores urbanos. Esse processo de apropriação não foi apenas uma inclusão passiva, mas uma reformulação cultural, onde o futebol passou a expressar novos sentidos ligados à vivência dos operários. O estudo foi realizado através de entrevistas com operários da fábrica Bangu, explorando suas percepções sobre o futebol profissional, amador e a seleção brasileira, além de contextualizar o bairro, a fábrica e o clube Bangu Atlético Clube como elementos centrais na identidade local.

Guedes destaca que, a expansão urbana, a industrialização e o crescimento dos bairros operários possibilitaram a apropriação do futebol por estas camadas

populares. A autora nos convida a perceber que, nesse novo contexto, o esporte passou a ser vivenciado em clubes de bairro, times de fábrica e ligas suburbanas, tornando-se um importante espaço de socialidade, lazer e construção identitária para a classe trabalhadora. Mais do que apenas reproduzir desigualdades, o futebol popular abriu caminho para expressões culturais próprias, marcadas pela valorização do talento individual, da improvisação e do chamado “jogo bonito”, em contraste com a rigidez aristocrática dos clubes de elite. Assim, o futebol apresentou-se como um campo simbólico ambíguo: ao mesmo tempo em que refletia hierarquias sociais, também permitia sua contestação e reinvenção a partir das experiências operárias.

Agora, nos minutos finais desta resenha, partimos para a etapa da Conclusão elaborada por Guedes acerca do seu trabalho. A autora destaca que seu estudo não tem a pretensão de esgotar o estudo do fenômeno abordado. Afirma que “o futebol no Brasil, nos diversos níveis em que se apresenta, é um excelente veículo para as mais diversas significações” (: 228). A autora ressalta que o futebol brasileiro é uma instituição cheia de significados em potencial, capaz de ser apropriado de diversas formas – seja por um presidente da República, usando uma vitória para fins políticos, seja por grupos de trabalhadores que reforçam ou questionam suas próprias exclusões socioeconômicas.

Embora sua análise tenha explorado apenas algumas abordagens sobre o futebol, ela destaca que esse fenômeno é um campo fértil para entender as contradições e representações da sociedade brasileira. Além disso, questões como as de raça e ou racismo – e diversas outras ligadas ao futebol, embora, não tenham sido abordadas de maneira aprofundada ou em grande destaque por Simoni Guedes não anulam o mérito, relevância e atemporalidade do seu trabalho. Isso ocorre por motivos de escolhas epistemológicas e objetivos definidos para a realização de uma pesquisa etnográfica, permitindo a abertura de um campo fértil de possibilidades para diversos outros estudos sobre futebol no Brasil.

*Recebido em 17 de julho de 2025.
Aprovado em 30 de setembro de 2025.*

VOLUME 14
NÚMERO 34
(JAN./ABR.2027)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS

DOSSIÊ TEMÁTICO:

CIDADES EM DISPUTA:
GÊNERO, RAÇA, SEXUALIDADE
E OUTRAS DIFERENÇAS
NA PRODUÇÃO DO
ESPAÇO URBANO

COORDENADORXS:

DR. DR. GUILHERME R. PASSAMANI (UFMS)
DR. DR. RAMON PEREIRA DOS REIS (UEPA)

Os processos de produção das cidades em relação às sexualidades têm enfatizado ao longo da história a importância das noções de território e territorialidade para a compreensão de como são constituídos os espaços urbanos, os sujeitos e suas relações. Além de indicar que tais processos de produção cidadina correspondem a marcações sociais heterogêneas, é importante ressaltar que todo esse movimento compreendido pelas dinâmicas sociais locais e a ocupação de territórios, dispostos entre “periferias” e “centros”, perfaz mobilidades e/ou zonas fronteiriças que nos possibilitam problematizar os manejos, burlas e agenciamentos feitos em torno da produção social das diferenças, bem como seus impactos a partir da articulação com as temáticas de gênero, sexualidade e raça. Nesse sentido, imaginar a produção de sexualidades em diferentes escalas é um ponto constituinte dos três eixos que norteiam o dossiê: as espacialidades, mobilidades e territorialidades. O objetivo é aproximar os debates sobre cidades, gênero, sexualidades e raça na tentativa de promover aproximações teóricas e empíricas que nos auxiliem a refletir e questionar estatutos cidadinos em relação à produção de diferenças e desigualdades, tendo como ponto de partida a seguinte questão: de que forma podemos escrutinar urbanidades/cidadinidades a ponto de fazer com que tais estruturas não sejam meros arquétipos geográficos/cartográficos, mas que internalizem e externalizem ações concretas de pertencimento e uso democrático do espaço público?

34

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso